Conteúdo

Mapas 8

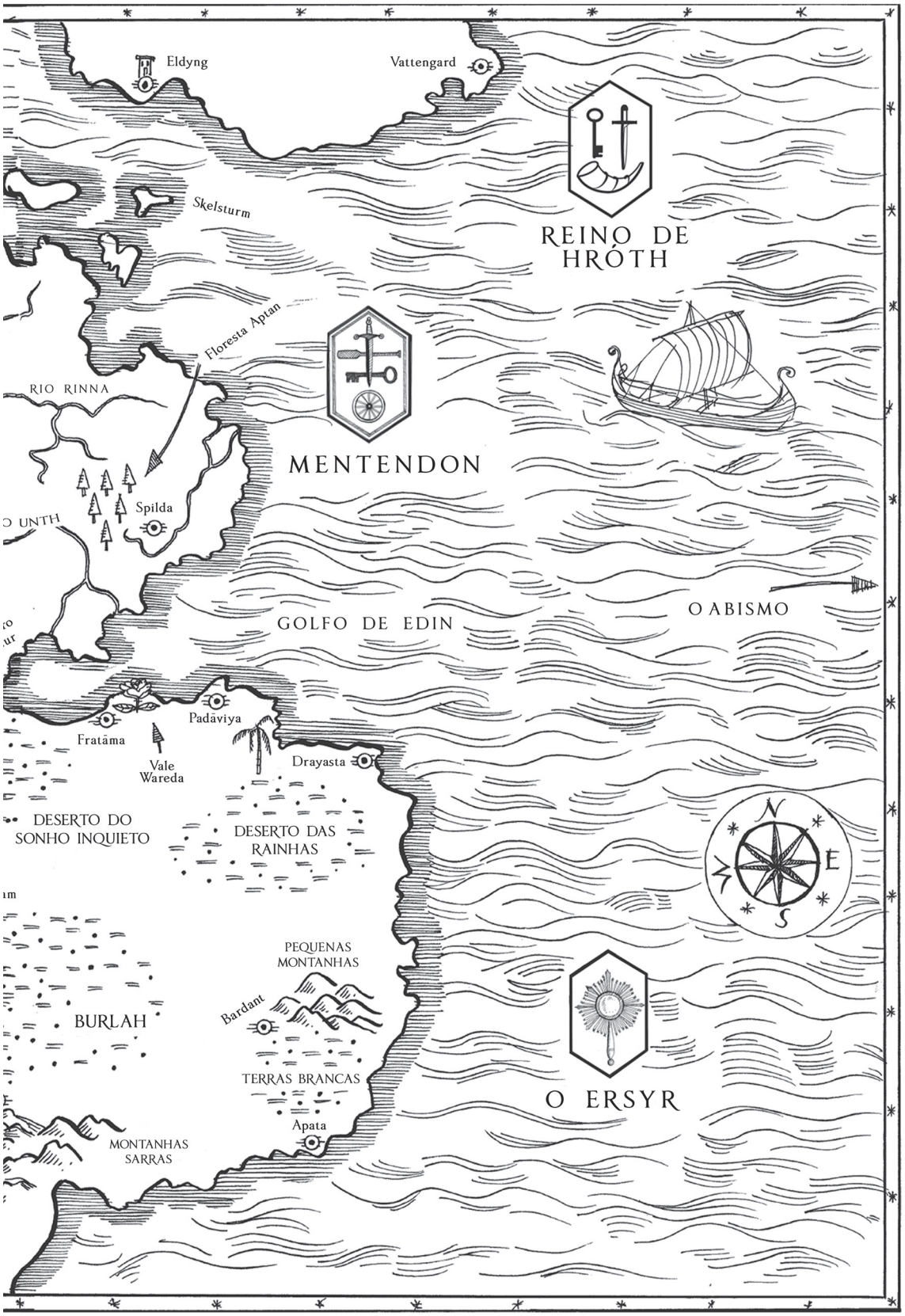
Prólogo 13

I O Ano do Crepúsculo (509 EC) 41
II Enquanto os Deuses Dormiam (510 EC) 211
III Era do Fogo (EC 511) 395
IV A Estrela de Crina Longa (EC 512) 769

Epílogo *885*

Os Intervenientes *925*
Glossário *942*
Cronologia *945*
Agradecimentos *950*


MAR PÁLIDO
Nurtha
Morwe
Suth
Ascalun
Porto Estival
Offsay
Pedra Alta
RAINHADO DE INYS
VIA DO SANTO
Sadyrr
Rio Hundrath
Perunta
Samana
Brygstad
Garazna
PLANÍCIE DE VETALDA
Dáura
RIO ARMATA
SERRA FUMEGANTE
MONTANHAS SAURGA
RIO UN
Bosque do Cervo
Monte do Pavor
Gulthaga
Svartal
Monte Niunda
REINO DE YSCALIN
BAÍA DAS ALFORRECAS
GRANDE PLANÍCIE DE YSCALIN
Vazuva
Desfiladeiro de Harmur
RIO GÁURIA
Kárkaro
Monte Fruma
Kóvuga
ROCA
MAR DE HALASSA
Jotenya
ESPADAS DOS DEUSES
Bosque de Pedra
Nzene
RIO URUDU
Dimabu
Monte Dinduru
LAGO JODIGO
Jrhanyam
RIO MINARA
Deserto Escarlate
Isriq
PRIORADO
Monte Enusa
DOMÍNIO DE LASIA
Yikala
Bacia de Lasia
Majigu
Rumelabar
RIO GEDUNYU
DESERTO DE SUTTU
Bujato
Desfiladeiro de Eria
Monte Kiri
Kumenga
MONTANHAS ULUMA
Carmentum
REPÚBLICA SERENA DE CARMENTUM


Eldyng
Vattengard
Skelsturm
REINO DE
HRÓTH
Floresta Aptan
RIO RINNA
MENTENDON
Spilda
O UNTH
GOLFO DE EDIN
O ABISMO
Padāviya
Fratāma
Vale
Wareda
Drayasta
DESERTO DO
SONHO INQUIETO
DESERTO DAS
RAINHAS
N
E
S
PEQUENAS
MONTANHAS
Bardant
BURLAH
TERRAS BRANCAS
Apata
O ERSYR
MONTANHAS
SARRAS


RAINHADO
DE INYS
CASA DE BERETHNET
MAR PÁLIDO
Werstuth
Nurtha
AS TERRAS TRIAS
Calthorn
Castelo de Drouthwick
RIO LITHSOM
Castelo de Strathurn
Castelo de Befrith
LAGO SAGRADO
Estuário das Rainhas
Morwe
Langarth
OS LAGOS
Madenley
FLORESTA DE HAITHWOOD
Goldenbirch
Cabo Yelden
OS PRADOS
Ermos de Cenning
AS TERRAS HÚMIDAS
Caddow Hall
Cuthyll
RIO WENT
Castelo de Glowan
Arondine
Ascalun
Merroworth
Suth
RIO TYRNAN
AS PLANÍCIES
OS PÂNTANOS
Selverpit
RIO LIMBER
Porto Estival
Vale de Stilharrow
Offsay
VIA DO SANTO


MAR DO SOL TRÉMULO
Floresta de Mayupora
Ginura
Mandíbula de Urso
Monte Tego
BAÍA DE GINURA
Monte Izaripwi
Fidumi
Monte Ipyeda
BACIA DE RAYONTI
LAGO JASIRO
LAGO DE FURTIA
SEIIKI
CASA DE NOZIKEN
Sidupi
Colinas de Nirai
RIO TIKARA
Antuma
BAÍA DE ISUNKA
Muysima
Uramyesi
Podoro
Nanta
Falésia de Pajati
Floresta dos Sussurros
O ABISMO
Basai
PROVÍNCIA DE AFA
Montanhas do Sul
Apampi
Ampiki


Para a Perdição dos Navios
Para os Senhores da Noite Negra
IMPÉRIO DOS DOZE LAGOS
Monte Whin
RIO DAPRANG
Cume Whinshan
Pithang
LAGO DAS MANHÃS GÉLIDAS
LAGO DAS FOLHAS DOURADAS
RAINHADO DE SEPUL
Xothu
Cidade das Mil Flores
Grande Vale Imperial
Kawontay
RIO SHIM
LAGO DOS DIAS ETERNOS
Monte Yeltalay
Mozom Alph
Kanxang
Montanhas Nhangto
Montanhas Lakra
BAÍA DE KAMORTHI
LAGO DAS ÁRVORES CREPUSCULARES
Kenglim
MAR DO SOL TRÉMULO
Ginura
LAGO DO SOL ADORMECIDO
Monte Tego
RIO DE SOMBRAS
BAÍA DE GINURA
LAGO DE MUITAS BORBOLETAS
Monte Ipyeda
Antuma
Sidupi
RIO TIKARA
Brakwa
SEIIKI
BAÍA DE ISUNKA
LAGO DO MAR DO SUL
Nanta
O ABISMO
Basai
Apampi
Ampiki
MAR INFINITO
ILHA DAS PENAS

Prólogo

Unora

Chamava-se Dumai, uma palavra antiga para um sonho que termina demasiado cedo. Nasceu no último clarão dos Anos do Poente, quando os dias na cidade de Antuma eram doces como mel.

Certa primavera, uma jovem atravessou os seus portões, conduzida por um desejo proibido.

Dizia não ter memórias do seu passado, apenas do seu nome, Unora. A julgar pelas suas mãos calejadas e roupas cobertas de pó, ninguém podia ter adivinhado que o poder do seu pai conseguia fazer a corte inteira estremecer à sua passagem.

Ninguém podia ter adivinhado o motivo que a levara à capital.

Naqueles anos, os terrenos áridos do interior de Seiiki eram difíceis de lavrar. Desde o afastamento dos deuses que a ilha era afetada por secas prologadas. Longe dos rios ressequidos, a terra passava sede.

Se o Governador de Afa fosse qualquer outro homem, teria lamentado o seu posto numa província arenosa. Em vez disso, trabalhava todos os dias para levar água aos terrenos. De cada vez que regressava à corte, a Imperatriz Manai julgava-o mais engenhoso e esforçado. Ofereceu-lhe uma mansão na capital, onde ele deixou a filha, Unora, sob os cuidados de uma ama.

Mas a Imperatriz Manai há muito que estava doente, e o seu padecimento não se atenuou. Renunciou ao trono antes do seu tempo e retirou-se para o Monte Ipyeda, deixando o seu filho único por entronizar.

Embora o Príncipe Jorodu ainda fosse novo, sabia seguir o exemplo da mãe. Como seu primeiro ato oficial, convocou o Governador de Afa e proclamou-o Senhor do Rio de Seiiki, encarregando-o de superintender todos os outros em seu nome. Durante um ano, foi o mais fiel e estimado funcionário do jovem imperador.

Por isso, ninguém se espantou quando foi subitamente exilado, acusado de ter invocado um deus para fazer prosperar a sua província. Apenas uma família dominava o círculo do imperador, e não permitiam que mais ninguém se aproximasse. Pelo menos, não por muito tempo.

Os criados encontraram Unora e escorraçaram-na para a rua mergulhada em escuridão. Aos nove anos, ficou órfã e na miséria. A ama levou-a de volta para Afa e, durante dez longos anos, o mundo esqueceu a sua existência.

Unora voltou a trabalhar no campo. Aprendeu a aguentar o sol tórrido. Sem o pai, a água deixou de correr. Plantava milhete, cevada e trigo, enterrando as sementes na terra seca. Vivia com a garganta em fogo e uma dor surda nos ossos. À noite, subia sempre ao santuário na colina — o santuário do dragão Pajati — e batia palmas.

Um dia, Pajati havia de acordar. Um dia, ouviria as suas preces e traria chuva à província.

Com o tempo, esqueceu os dias passados na capital. Esqueceu o que era ouvir um rio ou mergulhar num lago fresco — mas nunca esqueceu o pai. E nunca esqueceu quem os destruíra a ambos.

Os Kuposa, pensava. *Foram os Kuposa que nos arrasaram.*

No seu vigésimo ano, a morte chegou ao povoado.

A seca arrastou-se por meses. Os trabalhadores do campo depositaram as suas esperanças no poço, mas algo contaminara a água. Enquanto a sua velha ama vomitava, Unora permaneceu à sua cabeceira, contando-lhe histórias, histórias de Pajati, o deus que todos desejavam ver regressar.

Os aldeões levaram o corpo. Seriam os próximos a morrer. Ao sexto dia, só restava Unora. Deitada entre os restos da seara, demasiado sedenta para resistir, esperou pelo fim.

E então, o céu abriu-se. A chuva caiu sobre o solo que há tanto era leito de morte — um tamborilar que se tornou um dilúvio, transformando a terra seca em barro escuro e doce.

Unora pestanejou para afastar as gotas. Sentou-se, recolheu água nas mãos e, ao bebê-la, soltou uma gargalhada de alegria.

A tempestade partiu tão subitamente como tinha chegado. Unora cambaleou em direção à Floresta dos Sussurros, coberta de lama da cabeça aos pés. Durante dias, bebeu de folhas e poças, encontrando pouco que pudesse comer. Embora as pernas lhe tremessem e estivesse a ser seguida por um velho urso, continuou a guiar-se pelas estrelas.

Por fim, chegou ao sítio certo. Atrás do que restava de uma cascata que agora era apenas um fio de água, dormia o dragão branco Pajati — Pajati, o guardião de Afa, que em tempos concedera desejos àqueles que pagavam o preço. Unora procurou o sino que o despertaria, fraca de fome e sede.

Agora, entregaria o seu destino aos deuses.

Profundo era o sono deles, naqueles anos. A maioria retirara-se para cavernas submarinas, longe do alcance dos humanos, mas alguns haviam adormecido em terra firme. Embora Seiiki chorasse a sua ausência, perturbá-los era o mais grave dos crimes. Apenas a família imperial tinha esse direito.

Unora descobriu que não sentia medo, pois nada lhe restava a perder.

O sino era mais alto do que ela — o sino que despertaria o guardião, proibido a qualquer toque, sob pena de morte. O bronze manchado de verde. Unora aproximou-se. Se o fizesse, podia ser morta. Se não o fizesse, restar-lhe-iam apenas a doença e a fome.

Eu mereço viver.

O pensamento caiu como um trovão. Conhecia o seu valor desde que nascera. O exílio derrubara-o ao chão, mas Unora não permaneceria lá. Nem mais um dia.

Tocou o sino. Após séculos de silêncio, o som rasgou a noite em duas.

Pajati respondeu ao chamamento.

Enquanto Unora observava, o deus saiu da caverna, revelando todas as suas espirais. Era branco por inteiro, dos dentes nacarados às escamas de brilho pálido. Unora deixou os joelhos cederem e encostou a testa ao chão.

— A estrela ainda não chegou — disse ele, com uma voz que corria como o vento. — Porque me despertas, filha da terra?

Unora não podia responder com sinais. Ninguém podia. Quando Pajati lhe estendeu a cauda, ela agarrou-a com mãos trémulas. As escamas eram como gelo húmido.

Não lhe cabia pedir dádivas aos deuses. Isso era privilégio de imperatrizes, de reis.

— Grandioso, sou uma mulher da vossa província. Venho de uma aldeia assolada pela seca. — Agarrou-se à sua coragem. — Suplico-vos pela chuva, rei das águas. Por favor, mandai-nos mais.

— Não posso conceder esse desejo. Ainda não é tempo.

Unora não ousou perguntar quando esse tempo chegaria. Já se passara demasiado.

— Então peço-vos um caminho até à corte resplandecente de Antuma, para que eu possa implorar ao imperador que salve o meu pai do exílio — disse. — Ajudai-me a guiar o Filho do Arco-Íris no caminho da compaixão.

Pajati mostrou os dentes. Era o brilho da lua, com escamas feitas de leite e lágrimas da noite.

— Há um preço.

E não era preço leve, num lugar onde água e sal eram tão raros e preciosos.

Unora fechou os olhos. Pensou no pai, nos mortos da aldeia, na solidão — e mesmo com os lábios gretados, as têmporas leves da sede, uma gota escorreu-lhe pela face.

A Donzela da Neve chorou pelo grande Kwiriki, e ele percebeu que os humanos tinham bondade, contara-lhe a ama. *Só quando ela chorou por ele é que ele soube que ela também tinha o mar dentro de si.*

A advertência da sua infância pulsou dentro dela. Incitou-a a aceitar a morte que a acompanhava. Mas o deus da sua província já tinha falado:

— Uma volta do sol durará, e não mais.

Ele deu-lhe uma lágrima em troca, deixando-a cair na palma da sua mão como uma moeda. Unora levou o brilho prateado aos lábios.

Era como cravar os dentes na lâmina de uma foice. Aquela gota varreu-lhe da garganta uma década de sede, saciando-a por completo. Pajati recolheu a lágrima dela com a ponta da língua, e antes que pudesse dizer-lhe o resto do pacto, Unora caiu por terra, desmaiada.

No dia seguinte, um mensageiro encontrou-a ainda ali. Um mensageiro da corte resplandecente.

As mulheres do palácio em nada se pareciam com Unora. Tinham longos cabelos, quase a arrastar pelo chão, as caudas dos robes logo atrás.

Unora encolhia-se sempre que os seus olhares se cravavam em si. Tinha o cabelo curto, à altura dos ombros, e as mãos calejadas de uma década de labuta. Foi seguida por sussurros até ao Pavilhão da Lua, onde a imperatriz de Seiiki a esperava numa sala ampla e sombria.

— Sonhei que havia uma borboleta adormecida junto àquela cascata — disse a imperatriz. — De onde vens?

— Não me recordo, Vossa Majestade.

— Sabes o teu nome?

— Sim. — O nome era tudo o que lhe restava no mundo, e tencionava guardá-lo. — Chamo-me Unora.

— Olha para mim.

Unora obedeceu, e viu uma mulher pálida, de idade semelhante à sua, com olhos que lhe lembravam um corvo, curioso e astuto, sob uma coroa de búzios e berbigões. Duas insígnias adornavam o manto exterior da imperatriz. Uma era o peixe-dourado da casa imperial, a sua família por casamento.

A outra era o sino prateado do Clã Kuposa.

— És muito magra — observou a imperatriz de Seiiki. — E não tens memória do teu passado?

— Não.

— Então deves ser um espírito de borboleta. Uma serva do grande Kwiriki. Dizem que os seus espíritos esmorecem se não estiverem sempre perto da água. A tua casa deve ser aqui, no Palácio de Antuma.

— Vossa Majestade, a minha presença envergonhar-vos-ia. Não tenho senão a roupa que trago no corpo.

— Posso mandar fazer roupas finas. Posso providenciar comida e bebida. O que não posso conceder é o engenho e talento de uma cortesã — disse a imperatriz, com um sorriso irónico. — Mas essas coisas aprendem-se com o tempo, e isso também te posso oferecer. Em troca, talvez tragas fortuna à minha família.

Unora curvou-se diante dela, aliviada. Aquela imperatriz Kuposa não fazia ideia de quem ela era. E, se queria chegar até ao imperador, teria de garantir que nenhum deles viesse a saber.

Unora esperou o momento certo. O tempo era um dom raro em Afa. Os cortesãos gastavam-no com poesia e caça, banquetes, música e amores. Essas artes eram desconhecidas para Unora.

Mas agora, tinha toda a comida que podia desejar e toda a água que quisesse beber. Enquanto se curava das longas garras da miséria, chorava pelos que haviam permanecido no pó, enquanto os nobres se banhavam em piscinas privadas, serviam-se de água de poços profundos e passeavam em barcos de lazer pelo rio Tikara.

Tencionava mudar as coisas. Quando reencontrasse o pai, encontrariam juntos uma saída.

Todos na corte acreditavam que Unora era um espírito. Mesmo quando as aias comiam juntas na varanda e não se podia evitar falar da beleza do Monte Ipyeda, só uma delas — uma poetisa bondosa, de corpo arredondado pela gravidez — lhe falava diretamente. As outras limitavam-se a observar, à espera de provas de algum poder.

A solidão doía mais nas noites de verão. Sentadas no corredor, as aias penteavam os cabelos e falavam em murmúrios, a pele queimada pelo calor. A Imperatriz Sipwo chamava-a muitas vezes com um gesto, mas Unora afastava-se sempre.

Não podia pedir consolo a uma Kuposa. Só o Imperador Jorodu a podia ajudar.

O fim do verão chegou e passou. Quando o outono tingiu as folhas de dourado e vermelho, Unora continuava à espera do imperador, que raramente saía dos seus aposentos no Palácio Interior. Precisava de lhe falar, mas só o vira uma vez, de relance, quando ele viera visitar a consorte, o vislumbre de um colarinho contra cabelo negro, a postura digna dos ombros.

Unora continuou à espera.

A Imperatriz Sipwo depressa se aborreceu com ela. Unora não sabia coser com nuvens nem fiar um belo príncipe a partir da espuma do mar. Pajati não lhe dera poder que se pudesse tocar. Foi enviada para o outro lado do Palácio Interior, para um quarto apertado com uma infiltração no teto. Embora uma das criadas mantivesse o braseiro aceso, Unora não conseguia afastar o frio.

Em Afa, as pessoas dançavam para se aquecer no inverno, mesmo quando o corpo protestava. Estava na hora de recomeçar. Na manhã seguinte, levantou-se antes do amanhecer e caminhou até à varanda coberta que rodeava o Palácio Interior. O lado norte dava para o Monte Ipyeda.

Unora postou-se diante dele e dançou.

A Grã-Imperatriz subira aquela montanha. Unora ansiava por uma fuga igual. Se falhasse em chegar até ao imperador, teria de encontrar outra forma de salvar o pai — mas não fazia ideia de onde começar. Por agora, refugiar-se-ia ali, na sua dança de inverno.

Agora que a mudança chegara, não havia de parar. Certa noite, um bilhete deslizou por debaixo da porta, e com ele vinham duas folhas brancas de uma árvore sazonal, ambas impossivelmente perfeitas.

Sem sono, vagueei antes do nascer do sol
sem esperança, perdido, até ver
uma donzela tecida de luar, a dançar.

Enfeitiçado, sonho e caminho após o anoitecer,
à espera da primeira luz, ainda com esperança
de a ver, a dançar, rindo.

Alguém a tinha visto. Devia sentir-se embaraçada, mas estava tão só, e tão gelada. Pediu ao mensageiro que voltasse com uma pedra de tinta, um pincel e um conta-gotas.

Na província, não se podia desperdiçar água com tinta. Usá-la ainda a inundava de culpa, mas o pai ensinara-a a escrever, riscando caracteres na terra. O seu pincel acompanhava o vai-e-vem do primeiro poema, e descobriu que lhe saía com naturalidade.

Inquieta, danço antes de cada alvorada,
com o frio entranhado na pele. Nunca vi
quem me visse, nas sombras, a escrever.

Assombrada, recuo da manhã,
perguntando quem me observa, e, ainda assim
danço sob a neve, sorrindo.

Quando terminou, colocou o poema sob a porta, e o mensageiro levou-o consigo.

Ao início, não houve resposta. Unora decidiu não pensar mais nisso, mas o desejo, uma vez despertado, era difícil de calar — o desejo de ser

vista. Um segundo poema recompensou-lhe a paciência, na véspera do Dia dos Insones. Unora levou-o aos lábios.

A neve caía sobre a cidade. Chegaram mais poemas, muitas vezes acompanhados de presentes: pincéis finos, um pente dourado adornado com uma concha, madeira perfumada para o braseiro. Quando duas aias passaram pelas suas novas acomodações, sorrindo perante o que julgavam ser a sua desgraça, Unora retribuiu o sorriso sem amargura, pois sabia que o amor forrava o chão do seu quarto.

Quando ele veio ter com ela, Unora convidou-o a entrar. Pelo modo como se vestia, podia ser qualquer um. Guiou-o até ao lado da sala onde o luar se derramava sobre o chão. As suas mãos esguias, intocadas pela labuta, desfizeram-lhe o cinto num instante. Quando ele sentiu o seu frio eterno, tentou aquecer-lhe os dedos com o sopro da própria boca. Ela sorriu, e ele sorriu de volta.

Foi a primeira de muitas vezes. Durante semanas, ele vinha vê-la à noite, traçando versos sobre a sua pele. Ela mostrou-lhe como prever o tempo. Ele lia-lhe contos e relatos de viajantes, à luz de uma lamparina oscilante entre ambos. Ela ensinou-o a coser e a tecer, e cantou-lhe canções de trabalho da sua aldeia. Viviam na sombra e à luz do fogo, nunca se vendo por completo.

Ele nunca revelou o seu nome. Ela chamava-lhe o seu Príncipe Dançarino, e ele chamava-a a sua Donzela da Neve. Sussurrava-lhe que tudo aquilo só podia ser um sonho, pois só em sonhos podia existir tamanha alegria.

E tinha razão. Na história, o Príncipe Dançarino dissolvia-se ao fim de um ano, deixando a Donzela da Neve sozinha.

Na manhã anterior ao findar do inverno, uma criada colocou uma refeição diante de Unora. Ela ergueu a tigela de sopa quente até aos lábios, tensa antes que o líquido lhes tocasse. O vapor trazia o cheiro da asa negra, uma folha que crescia selvagem na sua província. Já a tinha provado antes — por escolha.

Impedia uma criança de tomar raiz, ou esvaziava o ventre.

Unora levou as mãos ao estômago. Ultimamente, andava exausta, sensível, e vomitara sobre o recipiente do quarto. Alguém descobrira a verdade antes que ela própria a soubesse.

E havia apenas um homem cujos filhos podiam representar uma ameaça à ordem das coisas. Agora que tudo se tornava claro, ele estava ausente da corte. Era tarde demais para lhe pedir que perdoasse o pai. Era tarde demais para tudo. Tudo o que podia fazer era proteger o filho deles — o filho que, naquele momento agridoce, decidiu que iria manter.

Derramou a sopa em silêncio no jardim e sorriu à criada que foi buscar a tigela.

Nessa noite, Unora de Afa deixou a corte. Caminhou em direção à montanha sagrada, levando apenas um pente dourado e o seu segredo. Se tivesse sido vista, tê-la-iam tomado por um espírito de água, de luto por algo que perdera.

Sabran

Foi-lhe dado o nome de Glorian, para reforçar a sua dinastia, em Ascalun, a Coroa do Ocidente. Esse fora em tempos o nome cerimonial da cidade — até ao Século do Descontentamento, quando Inys conheceu três rainhas fracas.

A primeira foi Sabran, a Quinta. Rainha desde o dia em que fora cortada do ventre da mãe, adorava saber que a sua existência bastava para impedir o Inominável de se erguer. Aos seus olhos, era apenas justo passar a vida a recompensar-se por esse serviço.

As Virtudes da Cavalaria não exerciam domínio algum sobre Sabran. Não havia temperança na sua ganância, nem generosidade na sua ânsia de acumular, nem justiça na sua sede de punição. Duplicou os impostos, fez sangrar o tesouro e, em menos de uma década, o seu rainhado era apenas uma sombra do que fora. Aqueles que ousavam desafiá-la eram dilacerados por cavalos, as cabeças exibidas nos portões do castelo. Os seus súbditos chamavam-lhe a Rainha Gadanha, pois era para os inimigos o que a foice era para o trigo.

Não houve revolta. Apenas sussurros e medo. Afinal, o povo de Inys sabia que era o sangue da sua linhagem que formava a grande corrente que mantinha o Inominável cativo. Apenas as Berethnets eram capazes de o conter.

Contudo, com nada senão malvadez a inspirá-los, o povo perdeu todo o orgulho pela sua capital. Cães, ratos e porcos vagueavam pelas ruas. A imundície sufocava e estagnava o rio, e os habitantes passaram a chamá-lo o Lodo.

No seu quadragésimo ano, a rainha lembrou-se de cumprir o dever para com o reino. Desposou um nobre de Yscalin, cujo coração cedeu pouco depois da cerimónia. Os seus conselheiros rezaram para que ela morresse em trabalho de parto, mas Sabran saiu triunfante da câmara de nascimento, com uma menina rechonchuda a chorar-lhe atrás — mais um elo na corrente, aprisionando a besta por mais uma geração.

A rainha entretinha-se a ridicularizar a criança, vendo na filha uma imitação fraca de si própria, e Jillian, por sua vez, endureceu e tornou-se amarga, e depois cruel. Tudo o que a mãe dava, ela devolvia, e as duas bicavam-se como um par de corvos. Sabran casou-a com um bêbedo, e Jillian teve uma filha.

Marian era uma alma frágil, receosa de erguer a voz acima de um sussurro. Os familiares ignoravam-na, e ela agradecia ao Santo por isso. Viveu discretamente, casou-se discretamente, e discretamente concebeu.

Foi para esta casa em ruína que nasceu a terceira princesa.

Deram-lhe o nome Sabran, para agradar à tirana. Não soltou um som, mas uma ruga vincava-lhe o sobrolho minúsculo, e o beiço inferior projetava-se.

— Santo, pobre cordeirinha — disse a parteira. — Que ar tão severo tem.

Marian estava demasiado cansada para se importar.

Pouco depois do parto, a Rainha Gadanha dignou-se de visitar, acompanhada pela princesa herdeira. Marian encolheu-se perante ambas.

— Deram-lhe o meu nome, foi? — riu-se a rainha de cabelos brancos. — Como me lisonjeias, ratinha. Mas vejamos se a tua petiz há de valer mais do que tu, antes de nos darmos a comparações.

E, não pela primeira vez na vida, Marian Berethnet desejou que a terra se abrisse e a engolisse.

Como todas as mulheres da sua casa, a senhora Sabran cresceu alta e imponente. Era bem sabido que cada rainha Berethnet dava à luz uma única filha, que acabava por se tornar uma réplica sua: sempre o mesmo cabelo preto, os mesmos olhos, verdes como maçãs do sul, a mesma pele pálida e os lábios vermelhos. Antes de a velhice as transformar, muitas vezes era difícil distingui-las.

Mas a jovem Sabran não herdara o medo da mãe, o rancor da avó, nem a crueldade da tirana. Tinha um porte firme e digno, e nunca respondia a provocações.

Preferia estar sozinha ou na companhia das suas damas, em quem confiava mais do que em qualquer outro. Os tutores instruíram-na na história do Reino das Virtudes e, quando se destacou nessas lições, passaram a ensiná-la a pintar, a cantar e a dançar. Faziam-no em segredo, pois a rainha odiava ver outra Berethnet feliz — e a aprender a governar.

Durante dez anos, toda a corte observou a mais nova das quatro.

As suas damas foram as primeiras a acalentar esperança de que ela pudesse ser a salvadora. Viam a linha persistente entre as suas sobrancelhas, que nunca desaparecia. Acompanhavam-na até aos portões do castelo, onde ela observava as cabeças apodrecidas com o maxilar cerrado em repugnância. Estavam com ela no dia em que a Rainha Gadanha tentou quebrá-la, no dia em que Sabran acordou, pela primeira vez, com sangue nos lençóis.

— Disseram-me que estás pronta para gerar a tua própria menina de olhos verdes — disse a velha rainha. — Nada temas, criança… Não permitirei que a tua beleza murche na videira. — O rosto dela parecia a nata do leite, com pó acumulado nas rugas. — Sonhas ser rainha, minha cordeirinha?

A senhora Sabran estava no centro da sala do trono, à vista de duzentos cortesãos.

— Não ouso, Vossa Graça — respondeu, a voz baixa, mas clara. — Afinal, só poderia ser rainha se deixásseis de ocupar o trono. Ou, que o Santo nos livre, se estivésseis morta.

A corte estremeceu.

Era traição imaginar a morte da soberana, quanto mais dizê-lo em voz alta. A rainha sabia-o. Sabia também que não podia matar a neta, pois isso significaria o fim da linhagem e do seu poder. Antes que pudesse responder, a jovem partiu, seguida pelas suas damas.

Nessa altura, a Rainha Gadanha já reinava havia mais de um século. Durante demasiado tempo, ninguém fora capaz de imaginar um mundo sem ela, mas, a partir desse dia, a esperança renasceu. A partir desse dia, os servos começaram a chamar a senhora Sabran — sempre em sussurros — de a pequena rainha.

A tirana morreu aos cento e seis anos, no seu leito de fina seda ersyri, com ouro lasiano em todos os dedos. Jillian, a Terceira, foi a seguinte a ocupar o trono de mármore, mas poucos se alegraram de verdade. Sabiam que Jillian tomaria tudo aquilo que a mãe lhe negara.

Menos de um ano após a coroação, um homem entrou sorrateiramente no salão onde a rainha Jillian jantava. A antiga rainha mandara que o torturassem até à loucura. Ele cravou uma faca no coração da filha, julgando que era ela a sua carrasca. A rainha Jillian foi sepultada junto da tirana, no Santuário das Rainhas.

Marian, a Terceira, usava a coroa como se fosse uma serpente venenosa. Recusava-se a receber os que procuravam a ajuda da sua soberana. Temia até os próprios conselheiros. Sabran pressionava a mãe para que demonstrasse mais firmeza, mas Marian temia demasiado Inys para o conseguir governar. E, mais uma vez, começaram os rumores — não apenas de descontentamento, mas de rebelião.

Foi o sangue que evitou o sangue, pois a guerra despertara em Hróth.

O Norte, coberto de neve, sempre fora estranho aos inysh. Em alguns anos, Hróth oferecia comércio; noutros, chegavam saqueadores nas suas embarcações com proa de javali, para incendiar e pilhar as vilas de Inys.

Agora, por entre cascatas geladas e florestas profundas, os clãs empunhavam armas e marchavam para o abate.

Tudo começou com Verthing Lâmina-de-Sangue, que cobiçava Askrdal, o maior dos doze domínios. Quando a sua chefe recusou uma aliança, ele matou-a e tomou-lhe as terras para o seu próprio clã. Os que haviam amado Skiri Passo-Longo procuraram vingança, e depressa a rixa envolveu todo o território de Hróth.

A meio do inverno desse mesmo ano, com o sangue ainda a tingir a neve de vermelho, a violência reacendeu-se, agora a sul, na pacífica terra de Mentendon. Uma inundação devastadora abatera-se sobre a costa, submergindo povoações inteiras, e Heryon Vattenvarg, o Rei do Mar, o mais implacável de todos os saqueadores hróthi, atacou no seu rasto. Com Hróth ainda em guerra, partira em busca de terras mais verdes, e encontrou uma em ruínas. Desta vez, não viera saquear, mas sim assentar.

Em Inys, Sabran Berethnet ouvia o Conselho das Virtudes debater sobre o que fazer. Na cabeceira da mesa, a mãe mantinha-se calada e macilenta, curvada sob o peso da coroa.

— Concordo que não devíamos interferir na guerra no Norte — disse-lhe Sabran, em privado —, mas e se ajudássemos os mênticos a expulsar esse tal Vattenvarg, em troca da sua conversão? Yscalin poderia fornecer-lhes armas. Imagina o sorriso do Santo, um terceiro reino a jurar-lhe fidelidade.

— Não. Não devemos provocar o Rei do Mar — respondeu Marian. — Os seus guerreiros do sal matam sem piedade, mesmo com os mênticos já frágeis sob o peso desta tragédia. Nunca ouvi falar de tamanha crueldade gratuita.

— Se não ajudarmos os mênticos agora, Vattenvarg esmagá-los-á. Não se trata de um saqueador qualquer, mãe — rebateu Sabran, perdendo a paciência. — Vattenvarg quer usurpar o trono da rainha de Mentendon. Se vencer, tornar-se-á ousado. E virá por Inys a seguir. Não percebes?

— Basta, Sabran. — Marian pressionou as têmporas. — Por favor, filha, deixa-me. Não consigo pensar.

Sabran obedeceu, mas o ressentimento latejava-lhe por dentro. Tinha dezasseis anos e nenhum poder.

No verão, Heryon Vattenvarg já dominava grande parte de Mentendon, governando a partir de uma nova capital, Brygstad. Reclamou a terra para o Clã Vatten. Enfraquecidos por inundações, fome e frio, os mênticos deixaram de resistir e ajoelharam-se. Pela primeira vez na História, um saqueador tomara um reino para si.

Dois anos após a conquista de Mentendon, a guerra em Hróth chegou ao fim. Os chefes haviam jurado lealdade a um jovem guerreiro de Bringard, que conquistara a sua fidelidade com astúcia e força notável. Fora ele quem matara Verthing Lâmina-de-Sangue, vingando Skiri Passo-Longo, e unira os clãs como nunca antes. Não tardou a que Inys recebesse a notícia de que Bardholt Hraustr — filho bastardo de um ossador — seria coroado o primeiro rei de Hróth.

E que navegaria até Inys para se encontrar com a rainha.

— Eis o belo estado em que nos encontramos — disse Sabran com frieza, ao ler a carta. — Agora são dois os reinos vizinhos governados por carniceiros pagãos. Se tivéssemos ajudado os mênticos, seria apenas um.

— Pelo Santo. Estamos condenados — murmurou Marian, torcendo as mãos. — Que quererá ele de nós?

Sabran tinha os seus palpites. Como os lobos que percorrem as florestas, os hróthi eram especialistas em farejar fragilidades, e Inys era um reino ainda a sangrar.

— O Rei Bardholt lutou muito pela sua coroa. Estou certa de que não deseja mais hostilidades — disse, apenas para apaziguar a mãe. — Se eu estiver enganada, Yscalin está connosco. — Levantou-se. — Tenho fé no Santo. O bastardo que venha.

Bardholt Punho-de-Batalha, um dos muitos nomes que lhe davam em Hróth, chegou a Inys num navio preto chamado *Elmo da Alvorada*. A Rainha Marian enviou o seu consorte para o receber. Passou o dia às voltas na sala do trono, as tranças a balançar. Usava uma sobressaia verde-escura sobre as vestes cor de marfim, que a engolia por completo. Sabran opunha-lhe imobilidade absoluta.

Quando o rei de Hróth apareceu, seguido pelos seus homens, toda a corte gelou à sua volta.

Os nortenhos usavam peles pesadas e botas de pele de cabra. O rei vestia-se como os demais. Sabran era alta, mas, mesmo se se pusesse em bicos de pés, duvidava de que a cabeça lhe chegasse ao queixo. O cabelo dourado do monarca, espesso, caía-lhe até à cintura. Os braços retesavam com músculos, e os ombros pareciam tão largos e sólidos como um baú de dote. Calculou que teria pouco mais de vinte anos, mas podia bem ter a idade dela, endurecido pelos fardos da guerra.

Aquela guerra estava-lhe gravada no rosto bronzeado e de traços marcados: uma cicatriz corria-lhe da têmpora esquerda até ao canto da boca; outra marcava-lhe o osso da face direita.

— Rainha Marian. — Ergueu um punho enorme ao peito. — Sou Bardholt Hraustr, rei de Hróth.

A sua voz era grave e algo áspera. Fez Sabran arrepiar-se, tal como a visão da coroa que usava. Mesmo à distância, via-se que era feita de lascas de ossos.

— Rei Bardholt — saudou Marian. — Sede bem-vindo a Inys. — Aclarou a voz. — Felicitamos-vos pela vitória no Nurthernold. É com alegria que sabemos que a guerra terminou.

— Não tanta como a minha — respondeu ele.

Marian torceu os anéis nos dedos.

— Esta é a minha filha — disse. — A senhora Sabran.

Sabran endireitou-se. O Rei Bardholt lançou-lhe um olhar fugaz, e depois voltou a fitá-la, os olhos presos ao rosto dela.

— Senhora — disse.

Sem desviar o olhar, Sabran curvou-se em reverência, as mangas pálidas do vestido a roçarem o chão.

— Senhor — respondeu. — Este reino oferece-vos a sua estima. Fogo para a vossa lareira, alegria para o vosso salão.

Sabran falou num hróthi perfeito. O Rei Bardholt ergueu as sobrancelhas.

— Conheceis a minha língua.

— Um pouco. E vós a minha.

— Um pouco. A minha avó materna era inysh, de Cruckby. Aprendi o que achei necessário.

Sabran inclinou ligeiramente a cabeça. *Não o seria, se este rei não tivesse nenhum interesse em Inys.*

Bardholt voltou a sua atenção para a mãe dela, todavia, ao longo de toda a troca de cortesias, o olhar regressava a Sabran. Sob as mangas, os pulsos e dedos dela começaram a aquecer.

— Não vos apoqueneis — disse ele. — A violência da minha terra não se há de espalhar. Lâmina-de-Sangue está morto. Detenho todo o território de Hróth, e deterei Mentendon, quando Heryon Vattenvarg me jurar lealdade, como deve, sendo um homem de Hróth. — Sorriu, e revelou uma dentição intacta. Sabran pensou que isso devia ser raríssimo após uma guerra. — Apenas desejo um amigo em Inys.

— E nós aceitamos a vossa amizade — respondeu Marian, com um alívio tão evidente que Sabran quase o conseguia cheirar. — Que os nossos reinos vivam em paz perfeita, agora e sempre. — Como o perigo parecia ter passado, estava mais firme. — O nosso alcaide já fez os preparativos na torre de entrada para receber a vossa comitiva. Imagino que desejareis regressar a Hróth em breve… mas, se quiserdes ficar para celebrar o Banquete da Camaradagem, que decorrerá dentro de uma semana, seria para nós uma honra.

— A honra seria minha, Vossa Graça. A minha irmã e os chefes militares saberão orientar-se na minha ausência.

Fez uma vénia e saiu da sala do trono.

— Santo… ele não devia ter aceitado o convite — murmurou Marian, com ar enjoado. — Era apenas uma cortesia.

— As tuas cortesias são vazias, mãe? — questionou Sabran, fria. — O Santo não aprovaria.

— Quanto mais depressa ele partir, melhor. Verá os tesouros dos nossos santuários e há de desejá-los para si. — Quando a rainha se ergueu, uma das damas amparou-a pelo braço. — Resguarda-te bem nos dias que aí vêm, filha. Não suportaria ver-te a ser levada por um resgate.

— Gostaria de os ver tentar — rematou Sabran, e saiu.

Nessa noite, depois de as suas damas terminarem a longa tarefa de lhe lavar o cabelo, Sabran sentou-se junto ao lume e ponderou no que o rei de Hróth dissera. As palavras que haviam traído a verdade.

Já houve sangue suficiente, por agora.

— Florell, tu sabes todos os segredos. — Lançou um olhar à sua amiga mais próxima. — O Rei Bardholt está prometido?

— Que eu tenha ouvido, não. — Florell penteava-lhe o cabelo. — Não tenho dúvidas de que já tenha tido amantes, com o aspeto que tem. Lá não seguem o Cavaleiro da Camaradagem.

— Não — disse Sabran. — Não seguem. — Um pedaço de lenha desfez-se no fogo. — É um homem de fé?

— Ouvi dizer que os hróthi veneram espíritos do gelo e deuses sem rosto que habitam nas florestas.

— Mas não ouviste nada sobre a fé *dele*.

Florell abrandou ao deparar com um nó teimoso.

— Não — respondeu, pensativa. — Nem um sussurro.

Sabran refletiu sobre isso. À medida que a ideia tomava forma, disse:

— Preciso de uma audiência privada com ele.

No canto do aposento, Liuma baixou o seu bordado.

— Sabran, ele tirou muitas vidas — interveio, em yscal. — Não tem lugar em Halgalant. Porque quereríeis falar com ele?

— Para lhe fazer uma proposta.

Apenas o estalar do lume quebrou o silêncio. Quando Liuma compreendeu, inalou ar com alguma brusquidão.

— Porquê? — indagou Florell, após alguns instantes de silêncio. — Porquê ele?

— Isso traria outro reino para debaixo do escudo sagrado… dois, se Heryon Vattenvarg se ajoelhar perante ele — explicou Sabran, em voz baixa. — O Rei do Mar teria de se submeter se Bardholt estivesse do nosso lado.

Florell deixou-se cair numa cadeira.

— Santo… — disse. — Teria. Sabran, tendes razão.

— A vossa mãe nunca concordaria — murmurou Liuma. — Urdiríeis isto nas suas costas?

— Por Inys. A minha mãe teme a própria sombra — disse Sabran, em tom soturno. — É preciso ver o que acontecerá a seguir. Ou Bardholt, ou Heryon, reclamará este reino para si, para provar a sua força perante o outro.

— Bardholt disse que não nos atacaria — recordou Florell. — Ouvi dizer que os hróthi levam os juramentos a sério.

— Bardholt Hraustr não é talhado do mesmo gelo que os seus antepassados. Mas posso assegurar que não representará uma ameaça. — Sabran voltou-se para elas. — Já se passou mais de um século desde que a Rainha Gadanha semeou a podridão em Inys. Essa podridão enraizou-se demasiado para vencermos uma guerra contra os pagãos. Serei uma tecedeira de paz. Salvarei a Casa de Berethnet, e farei com que se erga mais forte do que nunca, à cabeça de quatro reinos ajuramentados ao Santo e à Donzela. Governaremos o Mar Pálido.

Florell e Liuma trocaram um olhar silencioso. Por fim, Florell ajoelhou-se diante de Sabran e beijou-lhe a mão.

— Certificar-nos-emos disso — disse, em tom resoluto. — Minha senhora. Minha rainha.

Mesmo antes do amanhecer, Sabran saiu furtivamente dos seus aposentos, vestida para cavalgar, deixando a Florell e a Liuma a tarefa de encobrir a sua ausência. Esgueirou-se pelos terrenos do castelo, entre flores silvestres e carvalhos. Em dezoito anos de vida, nunca fora tão longe sem os seus guardas.

Podia ser loucura. Tal como podia ser loucura a sua ideia — perigosa e selvagem, enrolada dentro de si como uma víbora, pronta a cravar os dentes num rei. Se conseguisse convencê-lo, mudaria o mundo.

Santo, dai-me força. Abri-lhe os ouvidos.

O sol estava quase a nascer quando Sabran avistou o lago, e o pagão que se banhava nas suas águas rasas. Quando a viu, o rei afastou o cabelo dos olhos e veio na sua direção, avançando pela água, despido da cintura para cima. Músculos, em blocos, moviam-se sob as suas muitas cicatrizes.

Quando chegou à margem, o sangue de Sabran quase gelou. Ele manteve apenas a distância suficiente para que ela o pudesse encarar sem levantar o queixo.

— Senhora Sabran — disse —, perdoai o meu estado. Nado sempre ao amanhecer, para atiçar o sangue.

— Se me perdoardes — disse Sabran — por vos chamar aqui desta forma, sem cerimónia.

— A ousadia é admirável num guerreiro.

— Não sou uma guerreira.

— E, no entanto, vejo que viestes armada. — Assinalou a lâmina à cintura dela. — Deveis temer-me.

— Ouvi dizer que alguns vos chamam Mão de Urso. Seria tolice enfrentar um urso de mãos a abanar.

Durante um instante tenso, o Rei Bardholt limitou-se a fitá-la, imóvel como uma fera antes do ataque. Depois, soltou uma gargalhada, baixa.

— Nesse caso — instou, cruzando os braços enormes. — Dizei ao que vindes.

A água reluzia-lhe no peito. A voz dele aguçou-lhe os sentidos. Sabran sentia o doce do leite-de-galinha e da erva no ar, e o calor da pulseira de ouro martelado que lhe aquecia o pulso.

— Tenho uma proposta — anunciou. — Uma que só posso fazer em confidência. — Deu um passo na sua direção. — Consta que os videntes da neve ainda não declararam uma religião para o novo Reino de Hróth.

— Ainda não o fizeram.

— Quero saber porquê.

O olhar dele manteve-se firme. Agora, tão perto, via que os seus olhos eram cor de avelã, mais dourados do que verdes.

— O meu irmão — começou ele — foi assassinado durante a guerra.

Sabran não chorara pela avó, e duvidava que fosse chorar os pais por muito tempo. Ainda assim, imaginava que a perda de alguém amado

doía como a ponta de uma flecha cravada no corpo. A vida podia crescer e enrolar-se em volta dela, mas a dor ficaria, sempre ali.

— Quando o encontrei, os corvos banqueteavam-se com os olhos dele — prosseguiu o Rei Bardholt. — Verthing Lâmina-de-Sangue degolou-o e deitou-o fora como uma carpete velha. O meu jovem sobrinho apenas escapou ao mesmo destino porque cortou a própria mão. — Cerrou o maxilar. — O meu irmão era uma criança. Um inocente. Nenhum deus ou espírito digno do meu louvor teria permitido a sua morte.

O único som entre eles era o sussurro das árvores nas proximidades. Se Sabran tivesse nascido pagã, talvez acreditasse que algo naqueles carvalhos ouvira a sua traição.

Tenho de agir agora, com força, ou não agir de todo.

— Em Inys, já não respondemos a tais questões. Honramos a memória de um homem, o meu próprio antepassado, e vivemos segundo as suas Seis Virtudes — disse. — Tal como vós, o Santo foi um guerreiro numa terra de pequenos reinos em disputa. Tal como vós, unificou-os sob uma única coroa.

— E como o fez, o vosso Santo?

— Abateu um wyrm feroz, e assim conquistou o coração da Princesa Cleolind de Lasia. Ela renunciou aos seus antigos deuses para se manter ao lado dele. — O vento soltou-lhe madeixas do cabelo da coroa. — Inys e Yscalin estão unidas em louvor ao seu nome. Juntai-vos a nós. Jurai as Virtudes da Cavalaria. Com duas monarquias ancestrais a vosso lado, o Rei do Mar não terá escolha senão ajoelhar-se.

— Heryon ajoelhar-se-á de qualquer forma — foi tudo o que ele disse.

— Conquistar-lhe a lealdade pela força significará outra guerra. Muitos morrerão. Até crianças.

— Apelais ao meu coração.

— Mais do que imaginais. — Sabran ergueu as sobrancelhas. — Não me podereis ter a menos que vos converteis.

Aquilo fê-lo sorrir. Um sorriso sombrio, e, ainda assim, continha algum calor.

— O que vos faz pensar que vos desejo, senhora Sabran? — O nome dela era um murmúrio grave na garganta dele. — Como sabeis que não tenho já uma consorte no meu reino?

— Porque vi como me olhastes na sala do trono. — (Ele não dissera *não*.) — E com que frequência.

O Rei Bardholt não respondeu. Sabran manteve-se firme diante dele, pois não era como a mãe.

— Penso — continuou ela — que sois um homem habituado a conseguir o que deseja. Desta vez, não precisais de o tomar com sangue e força. Ofereço-vo-lo de livre vontade. Sede meu consorte.

— A vossa religião começou com uma história de amor. Serei eu o pagão deste conto, ou o grande matador?

Sabran limitou-se a suster-lhe o olhar. Imaginava-se como um anzol na água, imóvel o suficiente para atrair o peixe que circunda.

— Ouvi dizer que as rainhas Berethnet geram apenas uma criança. Sempre, desde os tempos mais antigos — disse ele, por fim. — E eu precisarei de um herdeiro para Hróth, para consolidar a Casa de Hraustr.

— Tendes uma irmã. E ela tem um filho — replicou Sabran. — Com o Reino das Virtudes a vosso lado, a vossa nova casa será inexpugnável. — Ergueu o queixo. — Sei que precisareis de convencer os videntes da neve a aceitarem o Santo. Sei que as Seis Virtudes ainda vos são estranhas… mas o vosso reino está em pranto, Punho-de-Batalha. E o meu também. Casai comigo e todas as feridas poderão sarar.

Passou-se algum tempo antes que ele se movesse. Depois, estendeu a mão para a cintura de Sabran. O coração dela sobressaltou-se, espesso e pesado, quando ele lhe retirou a pequena lâmina da bainha.

Poderia matá-la ali mesmo, e Inys seria seu para conquistar.

— Consultarei os videntes da neve — respondeu. — Se escolhermos o vosso caminho, jurá-lo-ei com a vossa lâmina, no meu sangue.

Caminhou de volta para o castelo com a faca dela. E enquanto Sabran o via desaparecer, soube que já tinha vencido.

No primeiro dia do solstício de verão, a Issýn, a mais elevada entre os videntes da neve de Hróth, emergiu da sua caverna para partilhar uma visão. Sonhara com uma cota de malha que cobria o mundo e com uma espada de prata polida, passada por um cavaleiro inysh há muito morto ao novo rei de Hróth.

Na nova capital de Eldyng, o Rei Bardholt declarou que Hróth, tal como Cleolind de Lasia, abandonaria os antigos caminhos e seguiria a luz eterna de Ascalun, a Espada da Verdade.

Em Inys, Sabran Berethnet recebeu uma carta, manchada com o sangue de um rei, que dizia apenas uma palavra: *sim*.

Nas semanas que se seguiram ao anúncio do noivado, Heryon Vattenvarg fez também a sua proclamação: declarava lealdade ao rei de Hróth, que o nomeou regente de Mentendon. Heryon converteu-se. Os seus súbditos também. Um ano depois, o rei de Hróth desposou a princesa de Inys, e nos reinos ajuramentados ao Santo houve júbilo e cânticos.

Inys, Hróth, Yscalin e Mentendon — a inquebrável Corrente das Virtudes.

A Rainha Marian cedeu o trono pouco tempo depois. Farta da vida na corte, retirou-se para a costa com a sua dama de companhia. No dia em que Sabran VI foi coroada diante dos seus súbditos, o seu rei do Norte estava ao seu lado, a sorrir como se o rosto lhe fosse rachar.

O herdeiro não chegou de imediato. Bardholt passava a maior parte dos verões em Inys, para fugir ao sol da meia-noite, enquanto Sabran atravessava as águas na primavera, mas o dever metia-se sempre entre os dois. As suas terras ainda estavam demasiado frágeis para serem deixadas durante os meses mais escuros e difíceis.

Na sua ilha, Sabran governava sozinha. Havia tempo para um herdeiro, e queria ter quanto mais tempo possível a sós com a sua corte, e com o seu consorte, cuja paixão por ela se mantinha ardente.

Num certo ano, poucos meses depois de Bardholt deixar Inys, Liuma afa Dáura deu conta de que já não conseguia apertar o vestido da rainha.

No ano seguinte, quando floresceu a aspérula, Sabran deu à luz uma filha, que gritou com força suficiente para derrubar a Grande Mesa. As criadas abriram as portadas pela primeira vez num mês. Enquanto Florell lhe enxugava o suor da testa e Liuma embalava a bebé ao seio, Sabran sentiu que respirava, enfim, com leveza pela primeira vez na vida. Estava feito, tudo.

Havia criado um mundo novo.

Quando soube da notícia, o Rei Bardholt deixou Eldyng e embarcou com um punhado de acompanhantes, disfarçado de marinheiro.

Cinco dias depois, chegou ao Castelo de Ascalun, o medo a apertá-lo mais do que alguma vez durante a guerra. Dissipou-se quando encontrou Sabran à sua espera, viva e de boa saúde. Apertou-a nos braços e agradeceu ao Santo.

— Onde está ela? — perguntou, rouco.

Sabran sorriu com a sua alegria, pousando um beijo na face dele. Liuma trouxe a criança.

— Glorian — disse-lhe Sabran. — Chama-se Glorian.

Bardholt olhou a filha em deslumbramento, enquanto Sabran se vestia para o dia. Quando surgiu na varanda real do Castelo de Ascalun, com o consorte ao lado e a filha de cabelo negro nos braços, cem mil vozes rugiram em aclamação.

Glorian.